REVISTA RAÍDO
FLUXO CONTÍNUO
OPEN ACCESS
UFGD
DOI: 10.30612/raido.v18i46.18038

O *LABOR* e a formação docente: dimensões do ensino do oral em ensaios produzidos por professoras/es

LABOR and Teacher Education: Dimensions of orality teaching in Essays Produced by Teachers

Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel (UPE)
E-mail: debora.amorim@upe.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6408-1626

Letícia Jovelina Storto (UENP)
E-mail: leticiajstorto@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7175-338X

Tânia Guedes Magalhães (UFJF)
E-mail: tania.magalhaes95@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2298-260X

Luzia Bueno (USF)
E-mail: luzia_bueno@uol.com.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1397-1482

Resumo: Este artigo apresenta os resultados da análise de ensaios produzidos por docentes em um curso realizado pelo Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino - LABOR. Analisamos as dimensões do ensino do oral enfocadas pelos cursistas no trabalho final. Apesar de o ensino de oralidade já apresentar algum destaque no cenário brasileiro, ele ainda ocupa um

espaço reduzido. Entre prováveis fatores, isso se deve à formação docente, em que se priorizam práticas de escrita. A fim de contribuir para equalizar a distribuição dos eixos na prática pedagógica e na formação docente, o LABOR tem ofertado cursos visando a uma pedagogia do oral. Para a análise, tomamos as categorias de Leal (2022): (a) relações entre fala e escrita; (b) variação linguística; (c) reflexões sobre práticas orais; e (d) produção e compreensão de gêneros orais. Os dados, analisados sob uma perspectiva qualitativa interpretativista, revelam uma ênfase na produção de gêneros orais, havendo silenciamento da variação linguística. As reflexões evidenciam a necessidade de haver espaços que aproximem as/os docentes das pesquisas sobre ensino de oralidade para que haja maior clareza sobre as dimensões a serem exploradas em sala de aula.

Palavras-Chave: LABOR; Formação docente; Oralidade; Ensino.

Abstract: This article provides the results of the analysis of essays produced by teachers in a course carried out by the Brazilian Laboratory of Orality, Training and Teaching - LABOR. We analyzed the dimensions of orality teaching focused on by the course participants in their final work. Although orality teaching already has some prominence in the Brazilian scenario, it still needs more space. Among other probable factors is teacher education, which prioritizes writing practice. In order to contribute to equalizing the distribution of axes in pedagogical practice and teacher education, LABOR has offered courses aimed at oral pedagogy. For the analysis, we considered Leal's (2022) categories: (a) relationships between speech and writing, (b) linguistic variation, (c) reflections on orality practices, and (d) production and understanding of oral genres. The data, analyzed from a qualitative interpretive perspective, emphasize the production of oral genres, having linguistic variation silenced. The reflections highlight the need for spaces that bring teachers closer to research on orality teaching so that there is greater clarity about the dimensions explored in the classroom.

Keywords: LABOR; Teacher education; Orality. Teaching.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muitas pesquisas sobre formação docente já mostraram as numerosas mudanças realizadas nas políticas públicas de formação, nas concepções e nas práticas dos docentes ao longo do século XX (Saviani, 2009; Gatti; Barreto, 2009; Gatti *et al,* 2019; Nóvoa, 2016; 2017). Nesses estudos, uma das temáticas mais recorrentes, que atravessa a história da formação docente no Brasil, perpetuando-se como dimensão central a ser tensionada, revisitada e transformada constantemente, é a relação entre teoria e prática. Essa relação já foi tematizada e está relacionada aos conhecimentos necessários aos docentes para realizar o seu trabalho: conhecimento disciplinar, didático-curricular, pedagógico, dentre outros (Saviani, 1997); além disso, saberes sobre as condições sócio-históricas da tarefa educativa, sobre comportamentos esperados da professora e do professor e aspectos relacionados ao desenvolvimento dos discentes também estão envolvidos no complexo trabalho do coletivo comprometido com o ensino e a aprendizagem.

A relação entre teoria e prática, especificamente no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa na escola básica, também é bastante tematizada nas pesquisas no campo dos estudos de Linguagem, Educação e Linguística Aplicada (Oliveira; Tinoco; Santos, 2014; Gonçalves; Buin; Conceição, 2016; Guimarães; Carnin; Bicalho, 2016; Barros; Striquer; Storto, 2018; Silva; Bedran; Barbosa, 2019). Nessas pesquisas, indica-se como essencial o papel do docente na mediação entre os alunos e os conhecimentos, organizando o meio de modo que os estudantes interajam com ferramentas que contribuam para que se apropriem de instrumentos propícios ao seu desenvolvimento (Vygotsky, 2001).

Ainda que esses conhecimentos sejam abordados na formação inicial, sabemos que não é possível fazê-lo em profundidade com todos os objetos de ensino de uma dada disciplina. É o caso do ensino da oralidade e dos gêneros orais na Educação Básica. Conforme atestam diferentes pesquisadores do campo do ensino de oralidade (Bueno; Costa-Hübes, 2015; Oliveira; Costa-Maciel, 2018; Magalhães; Bueno; Costa-Maciel, 2022; Leal, 2022; Souza; Pessoa, 2022; Luna; Barbosa; Magalhães, 2022), o conhecimento pedagógico da oralidade e dos gêneros orais necessita ser aprofundado de modo a oportunizar aos docentes manejá-lo em prol do desenvolvimento das capacidades de linguagem dos discentes.

Visando contribuir para equalizar a distribuição dos eixos na ação pedagógica, com práticas profícuas que incidam na relação entre conhecimentos teóricos e pedagógicos no tocante ao eixo da oralidade no ensino, fundamos o **Laboratório brasileiro de oralidade, formação e ensino – LABOR.** O LABOR foi idealizado a partir do "Repositório de trabalhos de oralidade e ensino", coordenado pela professora Tânia Magalhães de 2018 a 2021. Nele, eram reunidos trabalhos já publicados, como artigos científicos, capítulos de livros, livros, materiais didáticos e outros voltados à formação de professores e ao ensino de oralidade e de gêneros orais. Em 2021, a professora Tânia convidou as demais coordenadoras do LABOR - Luzia Bueno, Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel e Letícia Jovelina Storto – para juntas fundarmos um laboratório nacional dedicado ao ensino dos gêneros orais e à formação docente para o trabalho com tais assuntos/objetos. Assim, naquele ano, aprovamos a criação do LABOR e ampliamos o repositório para se tornar um banco de dados (https://www2.ufjf.br/labor/).

Desde então, o LABOR tem realizado uma série de ações[1] (de pesquisa e extensão, como a divulgação científica, cursos online e produção de materiais didáticos) voltadas para o desenvolvimento de docentes. Dentre elas, há cursos *online* ofertados para graduandos e profissionais da Educação Básica, com o objetivo de qualificar os licenciandos e professores para realizar um trabalho mais efetivo com a oralidade e os gêneros orais em sala de aula.

Com base nessas ações, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou analisar as dimensões do ensino da oralidade abordadas em ensaios produzidos por cursistas, considerando suas relações com as aulas de um curso ministrado pela equipe do LABOR e colaboradores em formato *online* em 2022. A relevância deste trabalho diz respeito à necessidade de investigar mais minuciosamente quais são as dimensões abordadas nas reflexões após as aulas ministradas, levando em conta que os documentos oficiais brasileiros enfatizam algumas dessas dimensões (Magalhães; Carvalho, 2018; Bueno *et al.*, 2023).

Para apresentarmos a nossa discussão, organizamos este artigo em cinco seções além desta introdução. Nas duas primeiras, trazemos discussões teórico-conceituais sobre formação docente e oralidade e o trabalho didático com gêneros orais e a fala em práticas da escola básica. Na seção metodológica, apresentamos questões

1 Tais ações podem ser acompanhadas no *site* do laboratório e em suas redes sociais: https://www2.ufjf.br/labor/ e @labor.oralidade.

relativas ao *corpus*, categorias e procedimentos usados na análise dos ensaios. Na seção seguinte, apresentamos os dados e reflexões sobre os resultados encontrados. Por fim, trazemos discussões sobre as ênfases dadas pelos cursistas em determinadas dimensões da oralidade e suas repercussões para a escola, buscando fornecer questões que podem cooperar com as práticas docentes.

A FORMAÇÃO DOCENTE, O LABOR E O ENSINO DE ORALIDADE

Quando tratamos dos enfrentamentos das problemáticas das licenciaturas, buscamos respaldo, dentre outros autores, em Gatti e Barreto (2009), Gatti *el al.* (2019) e Nóvoa (2016; 2017). Segundo esses pesquisadores, a formação universitária de docente para a atuação na Educação Básica tem sido historicamente feita de forma distante da escola e dos conhecimentos pedagógicos e profissionais inerentes ao trabalho do professor. Em geral, a formação tende para os conhecimentos denominados disciplinares, que, no caso dos estudos de linguagem, enfocam questões de língua e literatura, no caso do curso de Letras.

Um exemplo dessa questão são as pesquisas de Luna (2017a, 2017b), as quais articulam a oralidade à formação docente. Elas revelam, entre variadas constatações, que a relação entre teoria e prática ainda constitui um desafio central, o que resulta em lacunas na educação dos docentes, como ênfases em questões teóricas dos gêneros orais e minimização ou ausência de conhecimentos pedagógicos desses gêneros. Como consequência dessa formação que ainda pouco envolve a oralidade, os professores da escola básica enfrentam numerosos desafios para propor ações em sala de aula, entre eles para nomear e definir características dos gêneros orais, para superar a dicotomia entre fala e escrita, para selecionar e delimitar saberes relacionados à fala, assim como desafios para selecionar instrumentos didáticos com vistas a uma pedagogia ou de uma didática do oral (Costa-Maciel, 2011; Luna; 2017b, 2017b; Araújo; Rafael; Amorim, 2016; Nonato, 2019; Barbosa; Magalhaes, 2022; Dolz *et al.*, 2023).

Em vista dessas constatações, para tentar mudar esse quadro presente nas licenciaturas, entre elas a difícil relação teoria e prática, temos buscado realizar ações que articulem os conhecimentos disciplinares e pedagógicos. Assim, defendemos que a oralidade e os gêneros orais sejam inseridos na formação docente.

Uma dessas práticas diz respeito à tomada da oralidade e dos gêneros orais como **objetos de ensino** para interação de estudantes na escola básica. Para isso, realizamos oficinas, disciplinas, cursos, dentre outras atividades que busquem descrever e analisar tais objetos e propor ações escolares em que os estudantes vão desenvolver suas capacidades de linguagem para o agir no eixo do oral: defender pontos de vista, reivindicar direitos, participar de fóruns deliberativos, apresentar trabalhos em sala, dentre outras. Isso nos dá uma possibilidade de aproximação entre teoria e prática. O trabalho de Magalhães, Storto, Costa-Maciel e Bueno (2023) exemplifica essa ação, em que os conhecimentos disciplinares e pedagógicos estão articulados. As autoras discutem uma "sistematização de procedimentos, estratégias e conhecimentos atrelados à construção dos materiais relacionados a etapas de trabalho com oralidade na escola" (Magalhães *et al*, 2023, p. 2), descrevendo minuciosamente o que os professores em formação precisam envolver em um material didático que se propõe a analisar e ensinar a oralidade para estudantes jovens. Os trabalhos de Costa-Hübes e Swiderski (2015), Baumgärtner (2015), Lima, Mariano e Xavier (2021) também abordam a relação entre conhecimentos sobre oralidade e elaboração de atividades para a escola básica em práticas reflexivas na formação de professores.

Se constatamos que há uma tendência para a abordagem do conhecimento disciplinar em detrimento do pedagógico na formação, não é de se estranhar que na escola básica a oralidade não seja plenamente desenvolvida. Nesse sentido, defendemos a ampliação da presença da oralidade na formação docente, visto que as experiências nesse contexto podem se transformar em práticas de ensino qualificadas na escola básica.

Na busca por essa aproximação entre oralidade, formação e ensino, para além de teorizar sobre os gêneros e relacioná-los às práticas educativas, elencamos dimensões do ensino de oralidade que podem ser visualizadas e compreendidas pelos professores em formação, de forma que a transposição para atividades escolares sejam efetivamente para munir os discentes de capacidades para interagir em situações em que a oralidade é requerida em diferentes contextos. Para vencer as dificuldades de relacionar as teorias de linguagem e os conceitos como oralidade, gêneros orais, fala, retextualização, por exemplo, às práticas de ensino, elaborar dimensões, selecionar itens no interior desses conceitos e descrevê-los em categorias podem ser ações úteis para que a escola compreenda melhor que tipos de atividades devem ser elaboradas. Reforçamos que o trabalho com gêneros orais seja central na escola e na formação docente. Compreendemos gênero de texto como um "correspondente lin-

guístico de uma ação de linguagem, criado pela mobilização de recursos linguísticos próprios de uma língua natural" (Bronckart, 2010, p. 169).

Nas atividades escolares e acadêmicas, os gêneros, mediadores das práticas de linguagem em que estamos inseridos, podem ser tomados como instrumentos de ensino e de interação (Schneuwly; Dolz, 2004a, 2004b) com configurações estabilizadas. Além disso, podemos supor, como afirma Marcuschi, a existência de "um saber social comum" em torno do qual os "falantes se orientam em suas decisões acerca do gênero de texto que estão produzindo ou que devem produzir em cada contexto comunicativo" (Marcuschi, 2008, p. 187). Daí sua importância para o ensino, já que essas premissas são convergentes com o preceito de que a escola deve desenvolver as capacidades de linguagem dos estudantes por meio de interações diversificadas para agir socialmente na oralidade.

Todavia, não é suficiente indicarmos o constructo "gênero" como objeto de ensino sem visualizar melhor de que modo podemos transpor esse conceito para a escola e elaborar atividades para apropriação de operações de linguagem que os compõem. Como os alunos aprendem a produzir entrevistas, seminários e podcasts? Que atividades devemos propor? Que elementos priorizar? Nesse sentido, tomamos o trabalho de Leal (2022) que organizou a didatização da oralidade em quatro dimensões, que são subdivididas em outras, levando em conta os gêneros orais. Essa divisão em elementos e categorias pode facilitar o trabalho docente na elaboração de atividades para a sala de aula. Abaixo, reproduzimos as categorias da autora no quadro 1.

Quadro 1 - Dimensões do ensino da oralidade

Macrocategorias	Dimensões
(1) Relações entre fala e escrita	(a) Oralização do texto escrito
	(b) Semelhanças e diferenças entre textos orais e escritos
	(c) A oralidade como apoio à produção escrita
	(d) A escrita como apoio à produção oral
(2) Variação linguística	(a) Respeito à variação linguística
	(b) Comparação de textos quanto à variação linguística e reconhecimento dos fatores de variação linguística
	(c) Adequação do modo de falar às situações de interação
(3) Reflexões sobre práticas orais	(a) Reflexões gerais sobre práticas de uso da oralidade
	(b) Reflexões sobre os gêneros orais
	(c) Reflexões centradas em especificidades da produção oral

contínua

Macrocategorias	Dimensões
(4) Produção e compreensão	(a) Produção de textos orais para atender a diferentes finalidades, monitorando a própria fala
	(b) Escuta atenta
	(c) Reflexões sobre as situações de interação e planejamento da produção textual
	(d) Avaliação das situações e dos textos orais produzidos e suas condições

Fonte: a autoras com base em Leal (2022) e Souza (2022)

Na proposta, Leal desdobra as dimensões principais em outras. Esse esquema, assim minuciosamente descrito, permitem enxergar que tipos de relação, sem desconsiderar o gênero, podemos fazer entre fala e escrita (por exemplo, semelhanças entre fala e escrita na produção de um seminário); permitem também compreender que ações podemos propor aos estudantes na produção de gêneros orais (por exemplo, dominar ferramentas para o uso da fala em função das variadas situações de produção); além disso, as dimensões propiciam uma análise de materiais didáticos e currículos escolares (e até currículos de formação docente), o que também sustenta pesquisas, como a que relatamos neste artigo, em que tomamos as dimensões como categorias de análise. Por isso, concebemos que essas dimensões estão relacionadas ao conhecimento disciplinar e pedagógico, anteriormente citados, necessários aos docentes.

Para exemplificar a necessidade dessas dimensões, retomamos a importante relação entre fala, escrita e formalidade, que ainda precisa ser ressignificada na escola. Segundo Vieira e Faraco, ao encontro das reflexões já postas neste trabalho, não é difícil

> Encontrarmos instrumentos gramaticais que igualam *fala* a *informalidade* e *escrita* a *formalidade*. Trata-se de um grande equívoco empírico e pedagógico, pois há um enorme conjunto de situações que vão da fala mais informal até a escrita mais formal, passando por vários graus de monitoramento, ou seja, por vários níveis de (in)formalidade (Vieira; Faraco, 2023, p. 19).

Desse modo, como estamos calcadas em uma concepção de oralidade de Marcuschi (2001) como prática social que se realiza pela modalidade falada - imbricada na escrita nas situações reais de comunicação -, a reflexão sobre fala, escrita e

formalidade não se encontra esgotada. Apesar de variados documentos e teorias já orientarem as práticas reflexivas com o oral há mais de quatro décadas, se contarmos apenas a partir das densas proposições na década de 1980 para mudanças no Ensino de Língua Portuguesa (Geraldi, 1984; Soares, 1986), para muitos docentes ainda é difícil construir práticas que envolvam a análise do oral que levem os estudantes à reflexão e ao domínio de produções orais “mais fortemente formalizados e convencionalizados”, que implicam “um controle mais consciente e voluntário do próprio comportamento para dominá-las” (Schneuwly, 2004, p.143). Para Schneuwly (2004, p.143), o oral formal público dificilmente será aprendido pelos alunos se não houver uma intervenção didática. Essa atenção para os gêneros formais é guiada pela intenção formativa de possibilitar às pessoas situações de produção oral “mais fortemente formalizados e convencionalizados”, sem contudo, excluir, “evidentemente, a continuação paralela dos outros modos cotidianos” (Schneuwly, 2004, p.143).

Dessa forma, reforçamos que o trato escolar com os gêneros orais deve estar presente na formação docente não apenas como conceito, do ponto de vista do conhecimento disciplinar (o que é a oralidade, o gênero oral e a fala), mas buscando avançar em conhecimentos pedagógicos que efetivamente vão envolver as práticas escolares. De fato, é imperativo que haja, nos cursos de formação docente, a produção de atividades a partir de cada uma das (sub)dimensões acima propostas (dentre outras possibilidades), a avaliação dos estudantes frente a essas atividades, assim como uma reprogramação das tarefas mediante as conquistas e os erros dos alunos. Assim, o docente se educa para lidar com a prática pedagógica em diferentes etapas da escolarização. Para sabermos como professores, em contexto de formação continuada, relacionam-se ao ensino do oral, buscamos analisar seus ensaios a fim de compreender as dimensões por eles privilegiadas ao final do curso, trabalho que passamos a descrever na seção seguinte.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar o objetivo deste artigo, tomamos para análise dez ensaios produzidos por cursistas do LABOR, gênero resultante de ação formativa ocorrida, virtualmente, de modo síncrono, por meio do *Google Meet*, no segundo semestre de 2022. Além disso, houve duas *lives* abertas ao público que compuseram a carga horária do curso de 30h (18h síncronas e 12h de atividades assíncronas). As pesquisas com os

dados produzidos no Labor estão autorizadas pelo Comitê de Ética em Pesquisas (Projeto Labor - Laboratório Brasileiro de Oralidade, Ensino e Formação - e sua potencialidade formativa, com o CAAE 59809722.6.0000.5514.

O referido curso intitulado **Oralidade: práticas profissionais e educativas** assumiu o compromisso de ampliar a qualificação de estudantes de Letras ou Pedagogia de qualquer instituição e de docentes de qualquer etapa do ensino para o ensino de oralidade nas aulas de Língua Portuguesa na escola básica e em contexto acadêmico de formação docente. Com a permissão dos cursistas e especialistas convidados, as aulas foram vídeo-gravadas e arquivadas para registro interno do LABOR.

As **atividades obrigatórias dos cursistas** consistiam em leitura semanal; participação em encontros síncronos semanais; para a produção final do curso. Além disso, eles deveriam elaborar a produção de um ensaio, ação que configurou a atividade avaliativa para a equipe do laboratório. Para elaboração desse gênero, os participantes receberam orientações que explicitavam que o texto deveria retomar as reflexões que envolviam os principais conceitos sobre oralidade e ensino na Educação Básica e abordá-las em práticas escolares, bem como a análise de uma atividade de livro didático (de qualquer etapa da Educação Infantil, do Ensino Fundamental ou Médio), além de um roteiro de organização da produção.

A cada encontro, recebemos pesquisadores e pesquisadoras do trabalho com o oral, compartilhando saberes a respeito de tema específico, conforme se vê a seguir no programa do curso:

Quadro 2 - Programa do Curso

Encontro Síncrono	Ações realizadas
1) 02/09/2022	1) Apresentação do curso pela equipe do Labor 2) A escuta nas práticas de oralidade
2) 09/09/2022	3) Gêneros profissionais na atividade docente
3) 12/09/2022	4) Live aberta ao público - “Educação Literária e Oralidade: o que fazem os livros didáticos?”
4) 16/09/2022	5) Oralidade na EJAI
5) 23/09/2022	6) O gênero oral prova-aula em contexto de seleção/concurso
6) 30/09/2022	7) Aspectos do ensino de oralidade

contínua

Encontro Síncrono	Ações realizadas
7) 07/10/2022	8) O gênero entrevista de seleção na prática profissional - Orientações para o trabalho final
8) 14/10/2022	9) A videoaula no trabalho docente
9) 21/10/2022	10) Live de encerramento aberta ao público “As potencialidades da canção no ensino de oralidade”

Fonte: as autoras.

As ações, tenham sido elas síncronas ou assíncronas, buscavam ferramentar o coletivo de participantes para refletir sobre dimensões do oral, além de prepará-los para a atividade avaliativa final, o ensaio. Neste artigo, analisamos qualitativamente, a partir de uma base interpretativista (Moreira, 2002), as dez (10) as produções individuais de 10 cursistas, com vistas a analisar nesses 10 ensaios as dimensões do ensino do oral abordadas nesses ensaios, considerando suas relações com as aulas ministradas no curso do LABOR de 2022. Essas produções variaram entre 5 a 10 páginas, e tiveram as análises focadas, especialmente, em livros didáticos do Ensino Fundamental, contemplando os 1º, 3º, 5º, 6º, 7º e 8º anos e o Ensino Médio, publicados em 2015, 2016, 2018 ou 2020. Não nos ativemos à qualidade dos textos entregues pelos cursistas no ambiente virtual de aprendizagem (*Google Classroom*), mas somente às dimensões do oral, analisadas na próxima seção deste artigo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Primeiramente, refletimos sobre as dimensões do ensino de oralidade e as aulas ministradas no curso. Nos encontros com os participantes, todas as macrocategorias de dimensões do ensino da oralidade foram abordadas, seja por meio dos encontros síncronos, seja pelas *lives*, conforme tabela a seguir.

Quadro 3 - Dimensões abordadas no curso do Labor

Dimensões do ensino da oralidade		Aulas do LABOR
(1) Relações entre fala e escrita	(a) Oralização do texto escrito	Aula 8 - A videoaula no trabalho docente
	(b) Semelhanças e diferenças entre textos orais e escritos	Ausente.
	(c) A oralidade como apoio à produção escrita	Ausente.
	(d) A escrita como apoio à produção oral	Aula 5 - O gênero oral prova-aula em contexto de seleção/concurso Aula 8 - A videoaula no trabalho docente Aula 9 - Live “As potencialidades da canção no ensino de oralidade” (aberta ao público)
(2) Variação linguística	(a) Respeito à variação linguística	Ausente.
	(b) Comparação de textos quanto à variação linguística e reconhecimento dos fatores de variação linguística	Ausente.
	(c) Adequação do modo de falar às situações de interação	Aula 7 - O gênero entrevista de seleção na prática profissional (orientações para o trabalho final) Aula 8 - A videoaula no trabalho docente
(3) Reflexões sobre práticas orais	(a) Reflexões gerais sobre práticas de uso da oralidade	Aula 1 - A escuta nas práticas de oralidade- Aula 3 - Live “Educação Literária e Oralidade: o que fazem os livros didáticos?” (aberta ao público) Aula 4 - Oralidade na EJAI Aula 6 - Aspectos do ensino de oralidade
	(b) Reflexões sobre os gêneros orais	Aula 3 - Live “Educação Literária e Oralidade: o que fazem os livros didáticos?” (aberta ao público) Aula 4 - Oralidade na EJAI
	(c) Reflexões centradas em especificidades da produção oral	Aula 1 - A escuta nas práticas de oralidade Aula 5 - O gênero oral prova-aula em contexto de seleção/concurso Aula 6 - Aspectos do ensino de oralidade Aula 7 - O gênero entrevista de seleção na prática profissional (orientações para o trabalho final) Aula 8 - A videoaula no trabalho docente Aula 9 - Live “As potencialidades da canção no ensino de oralidade” (aberta ao público)

contínua

Dimensões do ensino da oralidade		Aulas do LABOR
(4) Produção e compreensão	(a) Produção de textos orais para atender a diferentes finalidades, monitorando a própria fala	Aula 2 - Gêneros profissionais na atividade docente
	(b) Escuta atenta	Aula 1 - A escuta nas práticas de oralidade- Aula 3 - Live “Educação Literária e Oralidade: o que fazem os livros didáticos?” (aberta ao público)
	(c) Reflexões sobre as ituações de interação e planejamento da produção textual	Aula 1 - A escuta nas práticas de oralidade- Aula 2 - Gêneros profissionais na atividade docente Aula 3 - Live “Educação Literária e Oralidade: o que fazem os livros didáticos?” (aberta ao público) Aula 6 - Aspectos do ensino de oralidade Aula 7 - O gênero entrevista de seleção na prática profissional (orientações para o trabalho final) Aula 8 - A videoaula no trabalho docente Aula 9 - Live “As potencialidades da canção no ensino de oralidade” (aberta ao público)
	(d) Avaliação das situações e dos textos orais produzidos e suas condições	Aula 1 - A escuta nas práticas de oralidade Aula 2 - Gêneros profissionais na atividade docente Aula 5 - O gênero oral prova-aula em contexto de seleção/ concurso Aula 6 - Aspectos do ensino de oralidade

Fonte: as autoras.

O quadro acima revela que, no conjunto dos encontros, todas as macrocategorias foram contempladas na formação, ainda que nem todas as habilidades pertencentes a todas as dimensões fossem exploradas, como por exemplo, aquelas relativas ao “Respeito à variação linguística” e a “Comparação de textos quanto à variação linguística e reconhecimento dos fatores de variação linguística” (Leal, 2022). Acreditamos que a ausência de algumas habilidades se deva, respectivamente, pela temática específica escolhida pelos professores, pelas temáticas das pesquisas realizadas por cada um deles e tempo destinado a cada encontro síncrono.

A fim de exemplificar a relação entre as dimensões do oral e as aulas ministradas, trazemos como ilustração elementos da Aula 4, “Oralidade na EJAI” (EJAI é a Educação de Jovens, Adultos e Idosos), cujas habilidades exploradas buscavam trazer (a) Reflexões gerais sobre práticas de uso da oralidade; (b) Reflexões sobre os gêneros orais. Ambas estavam atreladas ao melhor planejamento dos textos orais a

serem produzidos. A discussão envolta nessa aula considerou as especificidades da população jovem, adulta e idosa, pautadas na compreensão de que a EJAI é, por sua natureza, complexa e abrange conteúdos gerais, questões vocacionais, alfabetização e educação da família, trabalho, cidadania, gênero, idade e etnia (Brasil, 2014, p.14). O trato com as práticas orais acentuou, portanto, o vasto leque de experiências desse público-alvo comprometendo-se com o "alcance da equidade; da inclusão social; da redução da pobreza; da construção de sociedades justas, solidárias, sustentáveis e baseadas no conhecimento" (Brasil, 2014, p.14), reforçando, assim, o oral como um dos "saberes necessários à prática docente" e ao cotidiano escolar discente (Costa-Maciel, 2014, p. 43).

Na Aula 8, "A videoaula no trabalho docente", foram abordadas quatro dimensões do oral e cinco habilidades, a saber: (1) Relações entre fala e escrita - (a) Oralização do texto escrito; (d) A escrita como apoio à produção oral, (2) Variação linguística - (c) Adequação do modo de falar às situações de interação, (3) Reflexões sobre práticas orais - (c) Reflexões centradas em especificidades da produção oral, (4) Produção e compreensão - (c) Reflexões sobre as situações de interação e planejamento da produção textual. No fluxo desse processo, os cursistas eram convocados a pensar como uma aula temática agrega saberes de diferentes dimensões que confluem para desenvolver capacidades de linguagem diversas. Essas, por sua vez, podem ser estimuladas a partir de um conjunto de atividades presentes em, dentre outros recursos, os livros didáticos, como veremos a seguir.

Na tessitura das dimensões e das habilidades, voltamos nosso olhar para os ensaios produzidos pelos participantes. De posse dos textos, observamos que o foco de três dos dez ensaios eram atividades presentes em livros didáticos destinados ao gênero debate regrado. Também foram abordadas tarefas voltadas aos gêneros *spot*, jornal falado, entrevista de emprego e contação de histórias; além de atividades nas quais o objeto não era um gênero específico. Nos ensaios, partindo de quadros teóricos mobilizados nas discussões dos encontros, destacaram-se, no geral, as críticas dos cursistas em relação ao tratamento inadequado dado pelos livros didáticos ao oral ou ao gênero oral, conforme veremos nos recortes abaixo:

> ***Excerto 1:*** *O título "Experimentação" sugere que esta é a hora de uma atividade prática. A proposta é boa,* ***mas incompleta****, pois não apresenta um modelo de entrevista de emprego, que ensejaria as discussões sobre os aspectos discursivos do gênero, ou seja, conceitos e características próprias de uma entrevista de emprego. Pressupõe-se, talvez, que o aluno conheça o gênero, o que, na maioria das vezes, é um pressuposto incorreto e que pode trazer resultados frustrantes para o professor e para o aluno. Outros aspectos*

> *importantes de textos orais como os textuais, acústicos e cinésicos, não são mencionados. A proposta também não apresenta critérios de avaliação, o que seria fundamental para que o aluno pudesse reescrever o próprio texto.* (Ensaio 8 sobre entrevista de emprego, grifo nosso).

> ***Excerto 2:*** *Essa atividade trabalha a entonação da fala, tema importante quando no cenário oral, e incentiva o trabalho em grupo. Ela tem o objetivo de mostrar ao aluno que uma mesma frase pode ter diferentes significados de acordo com a entonação que ele coloca.* ***O exemplo apesar de trazer uma temática importante poderia trazer ela de forma mais ampla****, como por exemplo: deixando que os alunos escolhessem a frase que desejassem para pontuar e ensaiassem essa para apresentarem, incentivando assim a fala planejada que será muito importante para o estudante no momento de se adaptar a diferentes situações.* (Ensaio 1 sobre análises de frases, grifo nosso).

Nesses excertos, os cursistas ressaltam que os materiais didáticos por eles analisados não tratam adequada e suficientemente das características próprias à oralidade, tais como aquelas relativas aos aspectos acústicos e cinésicos. A análise do primeiro excerto está centrada na terceira dimensão, qual seja: reflexões sobre práticas orais; e do segundo, além dessa, na quarta dimensão, relativa à produção e à compreensão. Os ensaios ressaltam que, em três dos nove livros didáticos analisados, não há trabalho com um gênero oral: em um livro, há apenas atividades sobre frases descontextualizadas, de sílabas; outro livro traz atividades com frases descontextualizadas e com contação do gênero causo; outro não apresenta quaisquer atividades com oralidade. Isso demonstra que, apesar das discussões sobre o ensino do oral ensejadas na década de 1980, o debate ainda não alcançou a escola básica. Isso reforça a necessidade de ações como as promovidas pelo LABOR.

Por outro lado, as discussões propostas nos ensaios mostram que tais dimensões foram observadas pelos cursistas. Entendemos que se trata de um resultado positivo alcançado pelos encontros ministrados, porque pesquisas com docentes mostram que os aspectos típicos da oralidade muitas vezes são ignorados pelos professores em sua prática (Costa-Hübes; Swiderski, 2015; Baumgärtner, 2015).

Ao lermos os ensaios, foi possível ver que, em suas análises e críticas aos materiais didáticos analisados, os cursistas centraram-se nas seguintes dimensões: (3) Reflexões sobre práticas orais (b. Reflexões sobre os gêneros orais) e (4) Produção e compreensão (a. Produção de textos orais para atender a diferentes finalidades, monitorando a própria fala). Nota-se que são as mesmas dimensões abordadas como principais nos encontros do curso. Apresentamos a seguir uma síntese das dimensões contempladas.

Tabela 1 - Dimensões do ensino da oralidade contempladas nos ensaios (seções de análise)

	Dimensões	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
(1) Relações entre fala e escrita	(a) Oralização do texto escrito			X								1
	(b) Semelhanças e diferenças entre textos orais e escritos											Ø
	(c) A oralidade como apoio à produção escrita											Ø
	(d) A escrita como apoio à produção oral											Ø
(2) Variação linguística	(a) Respeito à variação linguística											Ø
	(b) Comparação de textos quanto à variação linguística e reconhecimento dos fatores de variação linguística											Ø
	(c) Adequação do modo de falar às situações de interação											Ø
(3) Reflexões sobre práticas orais	(a) Reflexões gerais sobre práticas de uso da oralidade						X				X	2
	(b) Reflexões sobre os gêneros orais				X	X	X	X	X	X		6
	(c) Reflexões centradas em especificidades da produção	X										1
(4) Produção e compreensão	(a) Produção de textos orais para atender a diferentes finalidades, monitorando a própria fala		X		X	X			X			4
	(b) Escuta atenta											Ø
	(c) Reflexões sobre as situações de interação e planejamento da produção textual				X	X		X	X			4
	d) Avaliação das situações e dos textos orais produzidos e suas condições		X									1

Fonte: as autoras.

Ao observarmos a tabela acima, podemos nos focar em dois dados: 1) a dimensão com maior investimento é aquela voltada à reflexão sobre os gêneros orais; 2) há uma ausência de ensaios com foco na variação linguística. É interessante notar que essa tendência pode ser vista quando analisamos currículos do Ensino Fundamental do Brasil, do 1.º ao 9.º ano de estados das cinco regiões brasileiras (Bueno *et al.*, 2023).

No trabalho de Bueno *et al* (2023), ao verificarmos as habilidades voltadas a cada dimensão do oral, somando as de todos os estados, notamos que as de Produção e Compreensão do oral totalizavam 42% do total; Relações entre fala e escrita, 32%; Reflexões sobre práticas orais, 20%; e Variação Linguística, apenas 6,0% (Bueno *et al.*, 2023). Assim como o resultado dessa pesquisa, a dimensão relativa à variação linguística, nos ensaios dos cursistas, foi a dimensão menos explorada. Esse cenário é indicativo da necessidade de um maior destaque na formação de docentes e discentes para a questão da variação linguística, considerando que estamos em um país tão vasto e diverso linguisticamente como o Brasil.

Um bom trabalho com a variação poderia contribuir para uma maior compreensão da diversidade brasileira, provavelmente propiciando melhores relações de cidadania e maior tolerância social e linguística, gerando, por conseguinte, a diminuição do preconceito linguístico (Marques; Almeida-Baronas 2015; Carvalho; Ferrarezi, 2018, Costa-Maciel, 2023), uma vez que é forte o preconceito entre as regiões, e as pessoas ainda são desqualificadas pela variedade que empregam, afetando as relações de poder e de identidade em nossa sociedade.

Para Bagno (2007), o preconceito linguístico é decorrente de uma equivocada valorização da gramática tradicional, relacionando o erro à fala e às variedades linguísticas estigmatizadas. O sociolinguista ressalta a urgência de um trabalho pedagógico que considere as variedades como inerentes às línguas, sendo necessária uma "*reeducação sociolinguística*" em que são utilizados "o espaço e o tempo escolares para formar cidadãs e cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas" (Bagno, 2007, p. 82, grifos do autor). Ainda, segundo Bortoni-Ricardo (2005), docentes sensíveis às variações sociolinguísticas e culturais desenvolvem estratégias interacionais positivas com seus estudantes, ratificando-os como falantes legítimos e competentes.

As relações entre fala e escrita também não foram tratadas pelos cursistas e também não foram o foco central de nenhum dos encontros, ainda que tenham sido comentado em três deles. No trabalho diário dos docentes e no cotidiano da maioria dos falantes, fala e escrita costumam andar juntas, já que lemos uma notícia ou um livro, mas os comentamos oralmente; fazemos exposições orais apoiados em textos escritos. Desse modo, essa dimensão tão presente na vida também precisa ter mais espaço na escola e, portanto, na formação docente.

Outro aspecto negligenciado é a escuta atenta. Nenhum ensaio tratou da escuta de textos orais. Ainda que a produção tenha sido o destaque e que tenha havido um dos encontros sobre a escuta, ela não foi foco de nenhum ensaio. Em Alvim e Magalhães (2019) e em Bueno, Jacob e Zani (2022), destacou-se a importância da escuta e a necessidade de um trabalho sistemático com ela, a fim de que os alunos consigam perceber como as singularidades do oral articuladas a um dado tema geram uma significação. Em materiais didáticos, como os analisados pelos cursistas, costuma-se fazer um trabalho de compreensão mais voltado à leitura de textos, havendo pouca ou nenhuma ênfase à escuta de textos, visando à depreensão de sentidos. A ausência de uma discussão sobre escuta pode ser resultado da falta dessa dimensão nos materiais analisados pelos cursistas, já que o foco dos materiais didáticos está na leitura, e não na escuta (Storto; Brait, 2020). A *Base Nacional Comum Curricular* BNCC (Brasil, 2018) explicita a necessidade da aprendizagem da escuta pelos estudantes da Educação Básica, haja vista se tratar do processo de compreensão dos textos. E os Parâmetros Curriculares Nacionais, desde 1998, já traziam essa proposta explicitamente. Talvez os cursistas não tenham sido suficientemente sensibilizados em relação à escuta no primeiro encontro, como tema principal, e depois no terceiro encontro, como um dos temas secundários. Todavia é um ponto que nós do LABOR precisaremos verificar como dar o devido destaque em outras edições do curso.

O aspecto mais presente nos ensaios diz respeito aos gêneros textuais orais, dimensão presente em seis dos dez ensaios analisados aqui. Acreditamos que isso seja consequência da própria abordagem de gêneros pelos materiais didáticos no Brasil e do discurso de documentos oficiais de educação, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) e a BNCC (Brasil, 2018), os quais tratam dos gêneros no ensino de Língua Portuguesa. Outro aspecto relevante para esse dado deve-se à influência de trabalhos de Dolz, Schneuwly e Bronckart em pesquisas sobre ensino de línguas no país. Ademais, isso também pode ser resultante das aulas do curso, em que diferen-

tes gêneros foram abordados, o que pode ter influenciado o olhar dos participantes. Não vemos isso como ponto negativo, haja vista a vasta discussão sobre gêneros e também sobre a importância do trabalho com gêneros no ensino de línguas no Brasil. Cremos, na verdade, que os gêneros orais deveriam ter sido discutidos em todos os livros didáticos, atendendo às prescrições para o ensino de língua portuguesa presentes na BNCC (Brasil, 2018) e, antes, nos PCN.

Enfim, os dados mostram que os cursistas conseguiram articular as aulas à análise de livros, especialmente os didáticos. Foram enfatizadas as dimensões da oralidade relacionadas às reflexões sobre práticas orais e à produção e compreensão da oralidade. Tanto a dimensão relativa à relação entre fala e escrita quanto a dimensão relativa às variações linguísticas estiveram ausentes dos ensaios. Isso pode estar relacionado à pouca presença de tais dimensões em documentos nacionais de educação, conforme verificado por Bueno *et al.* (2023), à pouca ênfase dada no curso ou mesmo à ausência dessa discussão nas pesquisas (Alvim; Magalhães, 2019) e nos livros analisados pelos cursistas. Como consequência, esses dados reverberarão nas próximas ações do LABOR, em que buscaremos mais espaço a tais dimensões da oralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama geral da análise do objeto deste artigo revelou que os ensaios dos cursistas dialogam com as dimensões exploradas como principais nos encontros do curso, em especial a dimensão relacionada aos gêneros textuais orais. Provavelmente, a presença maior dessa dimensão deva-se ao discurso de documentos oficiais da educação, como a BNCC e os PCN, e à forte discussão sobre gêneros em contexto de ensino de língua no Brasil devido à influência de estudos de Dolz, Schneuwly e Bronckart. As duas primeiras dimensões abordadas por Leal (2022) - (1) Relações entre fala e escrita e (2) Variação linguística - e o item relativo à escuta estavam ausentes nos ensaios analisados.

Em face da realidade aqui apresentada, consideramos que será preciso ampliarmos o espaço dado às outras dimensões do oral, sobretudo a da escuta e da variação linguística, haja vista se tratar de uma dimensão muito necessária em um país com forte presença de variações. Tal discussão se faz relevante devido à dimensão territorial do Brasil e também às relações de poder pelos modos de se falar, as quais têm

contribuído pela manutenção de práticas linguísticas preconceituosas e discriminatórias. A escuta também é imprescindível por se tratar de um eixo relevante à interação discursiva e ao aprendizado de uma língua. Não há produção do oral sem compreensão ou vice-versa. Logo, em sala de aula, as habilidades de escutar e de falar devem ser trabalhadas conjuntamente para um efetivo aprendizado da língua portuguesa. Para tanto, é preciso nos apropriarmos de estratégias de escuta, tais como aquelas discutidas por Bueno, Zani e Jacob (2022).

Os resultados da pesquisa reforçam o valor de ações voltadas à formação docente para o trabalho com a oralidade em sala de aula, preenchendo lacunas na formação inicial. Além do mais, colaboram para que possamos repensar nos tópicos dos próximos cursos e *lives* a serem ofertados pelo LABOR em colaboração com outros estudiosos do ensino da oralidade.

REFERÊNCIAS

ALVIM, V. T.; MAGALHÃES, T. G. Oralidade e ensino: sistematização das atividades de escuta na escola a partir dos resultados de uma pesquisa-ação. *In:* MAGALHÃES, T. G.; FERREIRA, C. S. (Org.). *Oralidade, formação docente e ensino de língua portuguesa.* 1ed.Araraquara: Letraria, 2019, p. 24-67.

ARAÚJO, D. L.; RAFAEL, E. L.; AMORIM, K. V. Estudos Linguísticos e oralidade: uma visão do objeto de estudo e de ensino em cursos de Letras da Paraíba. *In:* ARAÚJO, D. L.; SILVA, W. M. (Org.). *Oralidade em foco:* conceitos, descrição e experiências de ensino. Campinas, Pontes Editores, 2016, p.49-62.

ARAÚJO, D. L.; SILVA, W. M. *A oralidade em foco:* conceitos, descrição e experiências de ensino. 2 ed. Campinas, Editora Pontes: 2016.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso:* por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARBOSA, G. O.; MAGALHÃES, T. G. Conhecimentos necessários para a prática de oralidade na escola: avanços e perspectivas. *Revista Trama,* Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 42, p. 63-77, 2022. DOI: 10.48075/rt.v17i42.27273. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/27273. Acesso em: 8 jan. 2024.

BARROS, E. M. D.; STRIQUER, M. S.D.; STORTO, L. J. *Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa.* Campinas: Pontes Editores, 2018.

BAUMGÄRTNER, C. Grupo de estudos de Língua Portuguesa – GELP: uma experiência de formação continuada de professores com foco nos gêneros orais e ensino. *In:* BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. (Org.). *Gêneros orais no ensino.* Campinas, Mercado de Letras, 2015, p.91-116.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós cheguemu na escola, e agora?:* sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Guia dos Livros Didáticos do PNLD EJA 2014.* Natal: EDUFRN, 2014. 1 CD-ROM: il.

BRONCKART, J.-P. Gêneros de textos, tipos de discurso e sequências. Por uma renovação do ensino da produção escrita. *Revista Letras,* 2010, p.163-176. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12150 Acesso em: 17 dez. 2023.

BUENO, L.; COSTA-HUBES, T. C. (Org.). *Gêneros orais no ensino.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

BUENO, L.; GRAÇA, L. A.; MAGALHÃES, T. G.; STORTO, L. J.; COSTA-MACIEL, D. A. G. Évolution des prescriptions del'enseignement de l'oral: une comparaison entre le Brésil et le Portugal. *Repères - Recherches en didactique du français langue maternelle.* V. 68, 2023. Disponível em: https://journals.openedition.org/reperes/6003 Acesso em: 10 jan. 2024.

BUENO, L.; ZANI, J. B.; JACOB, A. E. Das apresentações orais (produção e compreensão) na BNCC da Educação Básica às comunicações orais no Ensino Superior: por um diálogo entre os dois níveis de ensino. *Revista da ABRALIN,* v. 20, n. 3, p.1500-1524, 2022. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1936. Acesso em: 15 jan. 2024.

CARVALHO, R. S.; FERRAREZI Jr., C. *Oralidade na Educação Básica:* o que saber, como ensinar. São Paulo: Parábola, 2018.

COSTA-HÜBES, T. C.; SWIDERSKI, R. M. S. Gêneros orais e ensino: uma experiência didática com notícia televisiva. *In:* BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). *Gêneros orais no ensino.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p.139-168.

COSTA-MACIEL, D.A.G. *Oralidade nas obras EJA MODERNA e VIVER, APRENDER:* tecendo fios no trato com os gêneros orais formais. 2023. 123 fl. Tese (Ascensão para Professora Associada) - Universidade de Pernambuco. Recife, 2023.

COSTA-MACIEL, D. A. G. *Oralidade e ensino:* saberes necessários à prática docente. Recife: EDUPE, 2014.

COSTA-MACIEL, D. A. G. *Os saberes docentes para o ensino do oral:* o que sabem os docentes e como compreendem as atividades propostas pelos Livros Didáticos de Língua Portuguesa. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

DOLZ, J.; STORTO; L. J.; GRAÇA, de A. G.; SILVA, K. A. da. Didática da Oralidade: uma entrevista com Joaquim Dolz. *Signum: Estudos da Linguagem,* Londrina, v. 26, n. 1, p. 161-172, 2023. DOI: 10.5433/2237-4876.2023v26n1p161. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/48303. Acesso em: 17 jan. 2024.

COSTA-MACIEL, D. A. G.; FORTE-FERREIRA, E. C.; BILRO, F. K. S. Saberes discentes mobilizados na produção e na apresentação do gênero exposição de pôster acadêmico. *In:* MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. (Org.). *Oralidade e gêneros orais:* experiências na formação docente. Campinas: Pontes Editores, 2021, p.25-49.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. *Professores do Brasil:* impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2019/04/Professores-do-Brasil-impasses-e-desafios.pdf. Acesso em: 17 jan. 2024.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S; ANDRÉ, M. E. D. A.; ALMEIDA, P. C. A. de. *Professores do Brasil:* novos cenários de formação. Brasília, DF: UNESCO, 2019.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula.* Paraná: Assoeste, 1984.

GONÇALVES, A. V.; BUIN, E.; CONCEIÇÃO, R. I. S. *Ensino de Língua Portuguesa para a contemporaneidade:* escrita, leitura e formação docente. Campinas: Pontes Editores, 2016.

GUIMARÃES, A. M. M.; CARNIN, A.; BICALHO, D. C. *Formação e trabalho docente:* múltiplos olhares para o ensino de língua materna. Campinas: Pontes Editores, 2016.

LEAL, T. F. Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola: o oral em documentos curriculares, livros didáticos e na prática docente. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos.* vol. 26, n.1, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/37801. Acesso em: 17 jan. 2024.

LIMA, G.; MARIANO, R. C. S.; XAVIER, W. P. Produção de material didático para o ensino do oral: desafios e possibilidades na formação inicial de professores. *In:* MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. (Org.). *Oralidade e gêneros orais:* experiências na formação docente. Campinas: Pontes Editores, 2021, p.199-220.

LUNA, E. A. A. Desafios de docentes universitários brasileiros sobre didática da oralidade na formação do professor de Português. *Indagatio Didactica,* v. 9, n. 4, p. 81-96, 19 dez. 2017a. Disponível em: https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/721. Acesso em: 17 jan. 2024.

LUNA, E. A. A. Pontos de vista de formadores sobre o ensino de textos orais: Por quê? O quê? Como? *Leia Escola,* v. 17, pp.20-31. 2017b. Disponível em: https://ch.revistas.ufcg.edu.br/index.php/Leia/article/view/847 Acesso em: 17 dez. 2023.

MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. (Org.). *Oralidade e gêneros orais:* experiências na formação docente. Campinas, Pontes Editores, 2021.

MAGALHÃES, T. G.; STORTO, L. J.; COSTA-MACIEL, D. A. G.; BUENO, L. Elaboração de materiais com gêneros orais na formação inicial: procedimentos para o trabalho com a oralidade na escola básica. *Oralidad-es.* https://doi.org/10.53534/oralidad-es.v9a3. v. 9, p. 1-18, 2023. Disponível em: https://revistaoralidad-es.com/index.php/ro-es/article/view/173 Acesso em: 13 dez. 2023.

MAGALHÃES, T. G.; CARVALHO, T. A. B Análise do eixo da oralidade na Proposta Curricular de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Juiz de Fora (MG). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,* v.99, n.251, 9 maio 2018. Disponível em http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3321 Acesso em: 10 jan. 2024.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita:* atividades de retextualização. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão. 2*.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, T. M.; ALMEIDA-BARONAS, J. E. de. Pedagogia da variação linguística: por uma abordagem heterogênea da língua a fim de minimizar o preconceito linguístico. *Signum: Estudos da Linguagem,* Londrina, v.18, n.1, p.283-308, 2015. DOI: 10.5433/2237-4876.2015v18n1p283. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20340 . Acesso em: 16 jan. 2024.

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa.* São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NONATO, S. Oralidade, ensino de língua portuguesa e formação do professor. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada,* v. 19, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/GNQBXXVbQj5rmyZSN5hyCyK/?format=pdf Acesso em: 17 dez. 2023.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa,* São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017. Disponível em https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4843 Acesso em 7 fevereiro 2022.

NÓVOA, A. O lugar da licenciatura**.** *Revista Educação,* v. 8, 2016. Disponível em http://www.revistaeducacao.com.br/o-lugar-da-licenciatura/. Acesso em: maio 2020.

OLIVEIRA, P. T. C.; COSTA-MACIEL, D. A. G. Operadores argumentativos no contexto do debate regrado: escutando o docente a respeito das propostas de ensino presentes no livro didático. *In:* MAGALHÃES, T. G.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Orgs.). *Oralidade e ensino de Língua Portuguesa.* Campinas: Editora Pontes, 2018, p.119-140.

OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. A.; SANTOS, I. B. A. *Projetos de letramento e formação de professores de língua materna.* Natal: EDUFRN, 2014.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Rev. Bras. Educ.,* Rio de Janeiro, v.14, n.40, p.143-155, abr. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm. Acesso em: 17 jan. 2024.

SAVIANI, D. A função docente e a produção de conhecimento. *Educação e Filosofia,* vol. 11, n. 21 e 22, p.127-140, jan.-jun. e jul-dez. 1997.

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. *In:* SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola.* Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 129-147.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *In:* SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola.* Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004a, p.71-91.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In:* SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola.* Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, Mercado de Letras, 2004b, p.125-155.

SILVA, W. R.; BEDRAN, P. F.; BARBOSA, S. A. *Formação de professores de língua na pós-graduação.* Campinas: Pontes Editores, 2019.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola:* uma perspectiva social. São Paulo, Ática, 1986.

SOUZA, J. T. O ensino das dimensões do eixo oral nas práticas de professores da Rede Municipal de Recife. *Tese*. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2022. 374 p.

SOUZA, J. T.; PESSOA, A. C. R. G. As dimensões de ensino da oralidade nos materiais do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa em 2013. *Revista Trama,* Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 42, p. 24–35, 2022. DOI: 10.48075/rt.v17i42.27299. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/27299. Acesso em: 8 jan. 2024.

STORTO, L. J.; BRAIT, B. Ensino de gêneros discursivos orais em livros didáticos de língua portuguesa. *Cad. Est. Ling.,* Campinas, v.62, p.1-25, 2020. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8656922. Acesso em: 17 jan. 2024.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. *Gramática do português brasileiro escrito.* São Paulo, Parábola Editorial, 2023.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem.* Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.